

SINARA CRISTINA DO NASCIMENTO MESSIAS

**RELATÓRIO SUPERVISIONADO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
(ESTUDO DE CASO)**

TCC apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.

Anápolis-Go, 02 de outubro de 2010.

APROVADA EM: ____ / ____ / ____ Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ms. Sueli de Paula Cunha
Orientadora

Ms. Maria Inácia Lopes
Convidada

Ms. Antônio Fernandes dos Anjos
Convidado

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	5
2. DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO	7
2.1 Instrumentos Utilizados	7
2.1.1 Anamnese	7
2.1.2 Entrevista com cliente	7
2.1.3 Entrevista com a professora	8
2.1.4 Hora do jogo	8
2.1.5 Prova do Diagnóstico operatório	9
2.1.6 Análise do material escolar	9
2.1.7 Provas Projetivas Psicopedagógicas	10
2.1.7.1 Par Educativo	10
2.1.7.2 Eu e meus companheiros	11
2.1.7.3. Família Educativa	11
2.1.8 Provas Pedagógicas	12
2.1.9 Jogos de Regras e atividades lúdicas	12
3. ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS	13
3.1 Anamnese	13
3.2 Entrevista com cliente	14
3.3 Entrevista com o professor	14
3.4 Hora do Jogo	15
3.5 Prova do diagnóstico operatório	16
3.5.1 Prova de Classificação	16
3.5.2 Prova de Intersecção de Classe	16
3.5.3 Pequenos conjuntos Discretos de Elementos	17
3.5.4 Quantidade de Matéria	17
3.5.5 Quantidade de Líquido – Composição	18
3.6 Análise do Material Escolar	18
3.7 Provas Projetivas Psicopedagógicas	19
3.7.1 Par Educativo	19
3.7.2 Eu e Meus Companheiros	19

3.7.3 Família Educativa.....	20
3.8 Prova Pedagógica.....	20
4 HIPÓTESE DIAGNÓSTICA.....	21
5 SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTOS.....	23
6 CONCLUSÃO.....	24
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25
8 ANEXOS.....	26

1. APRESENTAÇÃO

O presente relatório psicopedagógico Clínico, tem como objetivo apresentar o diagnóstico clínico de uma criança de sete anos de idade do sexo masculino, que apresenta baixo rendimento escolar.

A Psicopedagogia enfoca como lidar com o processo de aprendizagem humana, seus padrões normais e patológicos, considerando a influência familiar, escola e sociedade. É uma área de conhecimento que surgiu a partir das contribuições mútuas entre pedagogia, a psicologia, a linguística, a neurologia e outras áreas afins. O profissional que atua nesse campo, o psicopedagogo, é um profissional geralmente oriundo dos cursos de psicologia e da pedagogia que fez uma especialização na área de psicopedagogia.

A Psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana, que adveio de uma demanda: o problema de aprendizagem, colocada num território pouco explorado, situado além dos limites da Psicologia e da própria Pedagogia, evolui devido a existência de recursos, ainda que embrionários, para atender essa demanda, constituindo-se, assim, uma prática. (BOSSA, 2000)

A Psicopedagogia Clínica procura compreender de forma global e integrada aos processos cognitivos, emocionais, sociais, culturais, orgânicos e pedagógicos que interferem na aprendizagem, a fim de possibilitar situações que resgatem o prazer de aprender em sua totalidade, incluindo a promoção da integração entre pais, professores, orientadores educacionais e demais especialistas que façam parte do processo educacional do aluno.

Nesse trabalho Clínico, que se dá em consultórios ou em hospitais, o psicopedagogo não só compreenderá o porquê do sujeito não aprender algumas coisas, mas o que ele pode aprender e como aprende. A busca desse conhecimento inicia-se no processo diagnóstico, momento em que a ênfase é a leitura da realidade daquele sujeito, para então proceder à intervenção, que é o próprio tratamento ou encaminhamento.

O diagnóstico psicopedagógico é um processo que busca analisar a situação do aluno com dificuldades dentro do contexto escolar e da sala de aula. É um momento de investigação, no processo onde o psicopedagogo toma conta da problemática que trás o sujeito ao consultório, esse psicopedagogo utiliza de diversos instrumentos para conhecer com maior profundidade o que se passa na

vida do aprendente. Com o objetivo de identificar as causas e os obstáculos no processo de aprendizagem.

O diagnóstico geralmente é composto por oito a dez sessões. Duas vezes por semana. O profissional identificará problemas de aprendizagem e poderá indicar um tratamento, mas poderá também identificar outros problemas e indicar a outras áreas como: psicólogo, fonoaudiólogo, um neurologista, outro profissional a depender do caso. O problema poderá estar na escola, então possivelmente recomenda-se a escola.

Cabe ainda, ao Psicopedagogo assessorar a escola, alertando-a para o papel que lhe compete, seja reestruturando a atuação da própria instituição junto a alunos e professores, seja ainda redimensionando o processo de aquisição e incorporação do conhecimento dentro do espaço escolar, seja encaminhando alunos para outros profissionais. (BOSSA, 2000).

A relação aprendente - psicopedagogo é também de fundamental importância para o processo diagnóstico. A qualidade e a validade do diagnóstico dependerão dessa relação. A comunicação deverá ser analisada durante o processo diagnóstico, observando a fala, os gestos, os silêncios, a linguagem corporal, etc.

Durante o Estágio, que aconteceu no período de 31/05 a 18/07/2010, foram realizadas dez sessões, sendo duas sessões por semana, com duração de cinquenta minutos cada, empregadas à observação em todas as etapas ou provas diagnósticas, fundamentais para precisar melhor o quadro do problema e processar o tratamento. A observação, na prática psicopedagógica, significa o olhar e a escuta em postura clínica. Trata-se da observação frente à produção do sujeito, seja no relato dos membros da escola e da família, seja durante a entrevista com o próprio sujeito na hora dos testes, seja no seguimento da sua produção ao acompanhá-lo até o final do processo. Foram utilizados os seguintes instrumentos diagnósticos: Anamnese, Entrevistas, Atividades Lúdicas, Provas do diagnóstico operatório, Análise do material escolar, Provas Projetivas Psicopedagógicas, Provas Pedagógicas.

O aprendente foi indicado com a queixa familiar; dificuldades em realizar as atividades escolares de leitura e escrita, medo, baixa auto-estima.

2. DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO

2.1 Instrumentos Utilizados

2.1.1 Anamnese

O termo anamnese vem do grego Anámnesis, onde o prefixo "aná" quer dizer memória, ou seja, proceder a anamnese é trazer de novo a memória informações importantes sobre o histórico de vida do cliente.

O objetivo da anamnese é colher dados relevantes sobre a história de vida do cliente, e por isso é muito importante para o psicopedagogo realizar o seu trabalho de investigação das causas da queixa. A anamnese não se limita ao questionário, abrange percepções e observações. É uma entrevista de foco mais específico, colhendo dados significativos sobre a história do aprendente na família. Na Anamnese que serão levantadas as primeiras aprendizagens.

É durante a anamnese que hipótese começam a serem levantadas, mexendo muito com as emoções e sentimentos, deve ser realizada com muito zelo e pericia, para que a pessoa não se retraia, e possa assim criar bloqueios ou resistências, prejudicando assim o processo investigativo.

"O objetivo básico do diagnóstico psicopedagógico é identificar os desvios e os obstáculos básicos no Modelo de Aprendizagem do sujeito que o impedem de crescer na aprendizagem dentro do esperado pelo meio social". Weiss (2003, p.32).

2.1.2 Entrevista com cliente

A entrevista inicial é exatamente aquela que busca razões, investiga o percurso do saber e quando necessário, faz os encaminhamentos dos casos com base na conclusão de avaliação.

Nessa entrevista inicial geralmente reúnem-se o psicopedagogo e a criança, tendo como objetivos a compreensão da queixa, a captação das relações e expectativas centradas na aprendizagem escolar, a expectativa em relação à atuação do psicopedagogo, a aceitação e o engajamento da criança no processo

diagnóstico e o esclarecimento do que é um diagnóstico psicopedagógico.

Segundo Bassedas (1996, p. 87) [...] “cabe destacar que a configuração e o tratamento da entrevista variam muito, tanto em função da idade da criança como do motivo pelo qual ela nos foi encaminhada. Em geral, os alunos maiores entendem melhor a problemática que vivem e são mais capazes de comunicar as suas vivências ao psicopedagogo, ao mesmo tempo em que se mostram mais receptivos no momento em que é feita alguma indicação.

O registro fiel dessa entrevista é muito importante porque ela se presta a muitas distorções. Ao longo do processo diagnóstico, às vezes, os dados vão se modificando, bem como as hipóteses e conclusões do psicopedagogo. Quando se constrói uma boa relação, é comum que, em outra oportunidade, sejam revelados dados esquecidos nesse primeiro momento. Os dados colhidos devem ser comparados e relacionados com o material obtido através da anamnese, testes, provas, outras entrevistas, outros instrumentos. O fundamental é que, ao final dessa entrevista, a criança saia mais tranquila e menos ansiosa, sem perder de vista a necessidade de continuidade do diagnóstico.

2.1.3 Entrevista com a professora

O profissional poderá ir até a escola para conversar com o (a) professor (a), afinal é ela (e) que tem um contato diário com o aluno e poderá dar muitas informações que possam ajudar no tratamento. O primeiro encontro é muito importante para o trabalho diagnóstico, nele também serão levantadas hipóteses, para o encaminhamento e tratamento do aprendente.

2.1.4 Hora do jogo

Os principais objetivos da hora do jogo é : observar os processos de assimilação e acomodação e seus possíveis equilíbrios, desequilíbrios e compensações. Analisar as modalidades de aprendizagem. Observar a capacidade que a criança tem para argumentar, construir uma história e em que medida a cognição põe-se a serviço de organizar um mundo simbólico. Observar as patologias instaladas no aprender.

Segundo FERNANDEZ (1991,p.173) “A interpretação da “hora do jogo”psicopedagógica aponta para aspectos diferentes da interpretação geral

simbólica e analítica, já que o que nos interessa é a relação do sujeito com o conhecimento e o saber”.

2.1.5 Prova do Diagnóstico operatório

Segundo Weiss. A prova operatória tem como objetivo principal determinar o grau de aquisição de algumas noções chave do desenvolvimento cognitivo, detectando o nível de pensamento alcançado pela criança, ou seja, o nível de estrutura cognoscitiva com que opera (2003, p.106).

Segundo Piaget, as provas Operatórias devem ser aplicadas considerando as séries e a idade do aprendente. Às vezes por uma única prova encerra-se as outras. Sua aplicação baseia -se em questionamentos, objetivando determinar o grau de aquisição de algumas aquisições básicas- chaves do desenvolvimento cognitivo, determinando o nível de pensamento e compreensão.

2.1.6 Análise do material escolar

Objetivo: Fazer interferências sobre a natureza da relação do aluno com a escola com a professora e o aprender, obter indício das dificuldades apresentadas pela criança na realização de suas tarefas escolares, fornecer pistas sobre a atuação da professora, suas estratégias de ensino, os conteúdos e atividades priorizados, recursos para reforço e correção e atitudes frente ao aluno.

Analisando o material escolar, o psicopedagogo poderá constatar as relações da criança com a escola, a professora e a aprendizagem. Observando suas dificuldades nas tarefas apresentadas no caderno, no livro, etc., e ainda, a atuação da professora. Suas estratégias de ensino, os conteúdos e atividades priorizados, recursos para reforço e correção e atitudes frente ao aluno.

Segundo Weiss,(2004,p.15,16) “É necessário que se pesquise o que o paciente já aprendeu, como articula os diferentes conteúdos entre si, faz uso desses conhecimentos nas diferentes situações escolares e sociais, e os usa nos processos de assimilação de outros conhecimentos”.

2.1.7 Provas Projetivas Psicopedagógicas

Os testes projetivos são instrumentos utilizados com a finalidade de proporcionar um meio concreto para que as crianças projetem conteúdos que estão presentes em seu inconsciente, (conjunto dos processos mentais que se desenvolvem sem intervenção da consciência, seu objetivo é identificar a modalidade de aprendizagem do paciente e é isso que difere os testes projetivos utilizados pelos psicopedagogos dos usados por psicólogos e psiquiatras, pois esses objetivam investigar a personalidade do paciente,(a inteligência, funções neurológicas, habilidades motoras psicopatologias,etc).

O que podemos avaliar por meio do desenho ou do relato é a capacidade do pensamento para construir uma organização coerente e harmoniosa e elaborar a emoção. Também permitirá avaliar a deteriorização que se produz no próprio pensamento. O pensamento fala por meio do desenho onde se diz mal ou não se diz nada, o que oferece a oportunidade de saber como o sujeito ignora. PAÍN, (1992, p. 61)

O mesmo se utiliza de diversos temas (família, escola, figura humana, etc.), pois são vários os fatores que podem interferir na aprendizagem e temos o dever de analisar esse fator, que pode ser de cunho emocional, sociocultural, financeiro, metodológico, cognitivo, psicomotor ou neurológico. Nesse trabalho utilizamos três testes projetivos: O Par Educativo, eu e meus companheiros e Família Educativa.

2.1.7.1 Par Educativo

Avalia os vínculos relacionais que podem interferir no processo de aprendizagem.

Solicitamos que a criança desenhe uma pessoa que aprende e uma que ensina, sugere-se que ela formule uma história envolvendo esses dois personagens; pode ser oral ou por escrito.

É possível interpretar relações ensinante-aprendente, o papel vivido na escola, em turma, as rejeições às situações escolares, ameaça da figura do professor, etc..

2.1.7.2 Eu e meus companheiros

Objetivo: Investigar o vínculo com os companheiros da classe.

É solicitado que o aprendiz desenhe ele juntamente com os companheiros da classe. Após o desenho serão feitas algumas perguntas relacionadas ao mesmo.

De acordo com Visca,(2008,p.23)”o relato é uma projeção que denuncia o vínculo de aprendizagem – do próprio conteúdo; pela correspondência com o desenho; por sua relação com o título. Observe no relato os mecanismos de dissociação, negação e repressão utilizados”.

Serão analisadas todas as etapas do desenho; tamanho total, tamanho do personagem principal e dos demais, posição dos personagens e inclusão do docente, etc.

2.1.7.3. Família Educativa.

Tem o objetivo de avaliar como se dá o relacionamento da família como um todo e também em suas diferentes partes. É necessário deixar claro que antes de se realizar esse teste é preciso investigar qual a visão que o paciente tem de família e como se encontra sua família, pois sabemos que nos dias atuais são muitas as variações sofridas pelas famílias que outrora eram formadas por pai, mãe e filhos, hoje sabemos que podem ser formadas por avós, mãe e filhos; ou por mãe e filhos; por filhos de pais separados que casaram com um novo cônjuge e assim por diante. Todas essas relações devem ser conhecidas e esclarecidas para evitar distorções na análise do teste. O procedimento do teste é o seguinte: é solicitado ao paciente que desenhe uma família, dessa forma liberamos o paciente tanto no nível inconsciente quanto no nível crítico para falar de sua família que pode ser representada como é na realidade ou como o paciente a idealiza. Posteriormente pedimos que dê nomes a cada um dos indivíduos representados no desenho e que conte uma história sobre essa família.

2.1.8 Provas Pedagógicas

Segundo Weiss (2004) é preciso pesquisar o que o paciente já aprendeu e como faz uso desses conhecimentos nas diferentes situações escolares e sociais, pois, a análise dessas atividades juntamente com a análise do material escolar da criança, possibilita a terapeuta definir o nível pedagógico para se verificar a adequação à série em curso.

As provas pedagógicas são utilizadas para se verificar o nível de aprendizagem do paciente e consistem no uso de material graduado para leitura, escrita e problemas matemáticos.

2.1.9 Jogos de Regras e atividades lúdicas.

O jogo por si só não permitirá o desenvolvimento e a aprendizagem mas sim a ação de jogar é que desenvolve a compreensão. Mas também no lúdico é importante que o aluno seja percebido como ele é, mesmo apresentando dificuldades, e que o programa de atividades esteja voltado para atender as suas necessidades.

Por possuir regras supõe-se que o jogo tenha organização e coordenação que o inserem num quadro de natureza lógica.

É necessário conhecer as regras, compreendê-las, e praticá-las exigindo um exercício de operação e cooperação.

Ao jogar acontece uma série de relações, de encaixe parte e todo, de ordem, de antecipação e de retroação.

Como o jogo envolve operações entre pessoas, contato social, a situação problema que o jogo oferece dá ao participante oportunidade de empregar procedimentos cooperativos para alcançar o objetivo que é ganhar.

O jogo assume um significado funcional onde a realidade é incorporada pela criança e transformada, de acordo com seus hábitos motores, com as necessidades do eu e em função das exigências do social.

Piaget dedicou-se a estudar os jogos e chegou a estabelecer uma classificação de acordo com a evolução das estruturas mentais.

Para Piaget os jogos são classificados em:

Jogos de exercícios - de zero a 2anos;

Jogos de Símbolos - 2 a 7anos;

Jogos de Regras - a partir dos 7anos.

Jogos de Exercícios

O período sensório-motor (0 a 2 anos) se caracterizam pela satisfação das necessidades básicas. O jogo consiste em rituais ou manipulações de objetos em função dos desejos e hábitos motores da própria criança. Aos poucos a criança vai ampliando seus esquemas, adquirindo cada vez mais prazer através de suas ações.

Do jogo simbólico pode se herdar a possibilidade de experimentar papéis, representar, dramatizar, recriar situações do dia a dia.

O jogo para a psicopedagogia

Para o diagnóstico psicopedagógico a atividade lúdica é um rico instrumento de investigação, permite ao sujeito se expressar livre e de forma prazerosa. Para o psicopedagogo é uma importante ferramenta de observação sobre a simbolização e as relações que este estabelece com o jogo, permitindo a formulação de hipóteses e diagnósticos para uma posterior intervenção.

3. ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS

3.1 Anamnese

A.N nasceu de parto normal no dia 03/06/2003, foi um parto tranquilo. A criança foi amamentada até os dois anos de idade, às vezes acorda à noite muito assustado, fala dormindo e costuma ranger os dentes enquanto dorme, dorme só, mas quando sente medo passa para a cama da irmã.

A.N é uma criança tímida e calada, diz que gosta de estudar, mas quase sempre não faz as tarefas de casa (tarefas escolares), não consegue acompanhar o ritmo da sala, não é uma criança agressiva, mas se contrariado chora muito e quase sempre recorre à mãe em suas dificuldades. A.N não tem horários para realizar suas atividades diárias, a família é muito ausente em relação ao ensino - aprendizagem.

Durante a entrevista a mãe não apresenta segurança em algumas perguntas, responde com dificuldade questões relacionadas às fases de crescimento da criança.

Ele tem três irmãos, é o caçula, todos os seus irmãos já estão na adolescência. Somente A.n é filho do casal, os outros filhos são apenas da mãe. O casal tem profissão do qual tiram o sustento da família.

O aprendiz começou a estudar com cinco anos de idade, em seu primeiro dia de aula chorou muito, e a mãe relata que passou uma semana na escola para que ele se adaptasse com a turma. A mesma relata que não gosta que o filho chore, e que se outro menino bate em A.N a mesma resolve.

Após Análise dos dados obtidos durante o processo investigativo foi possível constatar que os processos de assimilação apresentados por A.N é predominante acomodativo em relação a sua aprendizagem.

Durante os jogos de regras demonstra pouca tolerância à frustração e não há uma criatividade significativa. A baixa auto estima dele é decorrente da sua dificuldade de aprendizagem, gerando assim medo e ansiedade.

Não há uma circulação de conhecimentos na família, durante as sessões diagnósticas fica evidente que há uma falta de informação ao filho.

O aprendiz não apresenta curiosidade em atividades novas, não tem interesse em atividades lúdicas A.N encontra-se bloqueado por problemas

emocionais e vínculos negativos que estão interferindo negativamente em sua aprendizagem. Considero que a hipótese inicial que a criança encontra-se trata de um problema de aprendizagem – sintoma uma vez que existem causas ligadas a sua estrutura individual e familiar que toma forma na criança, comprometendo a dinâmica de articulação entre a inteligência, o desejo, o organismo e o corpo (Pain, 1986; Fernández, 1991).

3.2 Entrevista com cliente

A.N chegou para o seu primeiro contato, cabisbaixo e muito tímido. Não soube explicar o motivo da consulta. A.N não tem uma comunicação significativa com os pais, devido a ausência de ambos. A criança não tem noção do que é uma família, sente-se rejeitado, inseguro e muito carente.

Em uma conversa informal mostra sua dificuldade de lidar com o objeto do conhecimento, à medida que desconhece fatos básicos de sua história, pois, segundo ele, não fora informado pela mãe sobre esse atendimento, não

soube fornecer alguns dados pessoais, como nome completo dos pais, data de seu aniversário, o seu sobrenome e a idade dos irmãos. Falou também sobre suas dificuldades escolares, acha difícil ler, - - “ palavras

juntas é difícil, não entendo”---, diz que gosta da escola. A queixa principal da responsável pela instituição é de que A.N tem dificuldades importantes ligadas à leitura e escrita.

O ambiente familiar de A.N é conflitante, contribuindo assim para a instabilidade emocional da criança.

3.3 Entrevista com o professor

O aluno tem apresentado um baixo rendimento escolar e é muito disperso. Quando são exigidas as atividades dele, fica cabisbaixo e demonstra não gostar.

Seu relacionamento com os colegas é bom, mas ele não gosta de ser contrariado. Chora com facilidade. Diante de situações novas, a criança desiste fácil, não gosta de desafios e atividades que cobram mais dele. É uma criança que gosta de ajudar as outras, mas demonstra muita timidez. Suas expectativas de aprendizagem, a meu ver são um pouco mais lentas em relação às crianças de sua

idade, mas que ele tem possibilidades de aprender. No momento ele não está acompanhando a turma, dificilmente consegue realizar as tarefas que lhe são propostas.

Na opinião da professora A.N parece uma criança que apresenta déficit de atenção. Talvez necessitasse de um acompanhamento psicológico.

A professora relata que a maior dificuldade encontrada com o aprendiz é a falta de interesse, a distração e a ausência familiar.

É necessário maior apoio nas atividades escolares.

Os pais precisam ser orientados a deixar a criança fazer suas tarefas sozinho, mas, no entanto é necessário que haja um acompanhamento maior por parte dos mesmos. Auxiliando realmente naquelas atividades com maiores dificuldades de realização como; leitura ouvi-la ler e sempre valorizar sua produção, dizendo muito bem, você está de parabéns; quando for tarefa de matemática deixá-la pensar, raciocinar, e não falar o resultado e também que seu pai participe de sua vida escolar, esta integração da família será de suma importância no desenvolvimento cognitivo da criança.

3.4 Hora do Jogo

Durante os atendimentos e na sessão da Hora do Jogo A.N demonstrou muita insegurança, precisando sempre sentir-se autorizada a realizar qualquer movimento, sugerindo pouca autonomia; sendo esta uma condição que se faz necessária para uma boa aprendizagem.

A.N não mostrou curiosidade e iniciativa para conhecer todo o conteúdo da caixa lúdica, como se não pudesse possuir o objeto de conhecimento, apropriando-se apenas dos objetos demais fácil acesso. A.N não tem iniciativas para brincar depende sempre de outra pessoa para estimulá-lo. Essa atitude permitiu observar a dinâmica e aprendizagem, a forma como explora os objetos a conhecer, indicando pobreza de contato com a subjetividade, falta de iniciativa, submissão, déficit lúdico e criativo, desta forma a hipótese levantada é de que sua modalidade de aprendizagem tende a ser mais acomodada e menos assimilada, possibilitando a análise das significações do aprender para a criança. Hiperacomodada-hipoassimilada, que segundo Fernandez é a pobreza de contato com a

subjetividade, falta de iniciativa.

3.5 Prova do diagnóstico operatório.

3.5.1 Prova de Classificação

O experimentador coloca as fichas em desordem sobre a mesa e pede à criança que as descreva:

-Classificação espontânea-consignas possíveis: Quando a criança termina, pergunta-se o porquê da sua classificação.

-Dicotomia: apresentar a tampa com a divisão e propor: Somente dois grupos... Quando a criança terminar: Anotar no relatório, se seguem duas mudanças de critério.

As respostas de A.N, são compatíveis, segundo MacDonell(1994, p.16), nível 2, o que corresponde ao nível de pensamento intuitivo articulado. A criança deste nível pode agrupar as fichas em pequenas coleções tendo em conta algum critério único de classificação. É capaz de coordenar a extensão com a compreensão, mas ainda não é possível compreender a inclusão.

3.5.2 Prova de Intersecção de Classe

O experimentador coloca as fichas dentro dos círculos que se cortam, as fichas amarelas e os quadrados azuis nas partes laterais e as fichas redondas azuis na parte comum.

Pede-se à criança que nomeie as fichas e suas características fazendo perguntas suplementares.

As respostas de A.N, são compatíveis, segundo MacDonell(1994, p.20), nível 2, o que corresponde ao nível de pensamento intuitivo articulado. A partir deste nível, observam-se êxitos nas perguntas suplementares.

3.5.3 Pequenos conjuntos Discretos de Elementos

Prova de Conservação de Pequenos Conjuntos Discretos de Elementos

10 fichas brancas;

10 fichas azuis.

Esta prova é administrativa em 2 etapas:

Uma vez que a criança tenha se familiarizado com o material, sugere-se que escolha uma cor e propõe à criança que coloque uma coleção numérica equivalente;

Se, depois de várias tentativas, a criança não conseguir fazer a correspondência termo a termo, o experimentador deve dispor as fichas, assegurando-se de que a criança se dê conta da equivalência das duas coleções.

As explicações e justificativas dadas pela criança devem ser registradas no relatório.

As respostas de A.N, são compatíveis, segundo MacDonell(1994, p.25), nível 2, correspondência qualitativa de ordem intuitiva, consegue-se a correspondência, mas não se mantém a conservação.

Retorno empírico

Não houve conservação de líquido.

Resposta do nível 2-são condutas intermediárias. Aparecem juízos, oscilações entre a conservação e a não conservação de três maneiras principais.

3.5.4 Quantidade de Matéria

Quantidade de Matéria:

2 bolas de massa de modelar de cores diferentes.

O experimentador pede à criança que iguale as 2 bolas: A prova passa por três etapas de transformações.

Esta prova, como a prova de conservação de quantidade de líquido, foi apresentada de forma lúdica.

As respostas de A.N são compatíveis, segundo MacDonell(1994, p.29), nível 2, - São condutas intermediárias próprias do pensamento intuitivo articulado. Os juízos oscilam entre a conservação e não conservação e aparecem de três maneiras diferentes:

-Juízos oscilantes em uma mesma transformação: a criança julga alternadamente que as quantidades são iguais e diferentes.

3.5.5 Quantidade de líquido – Composição

Descrição do material:

2 copos idênticos (a1-a2);

1 copo mais estreito e mais alto(b);

1 copo mais largo e mais baixo (c);

4 copinhos idênticos, que contém cada 1/4 do volume de "a" (d1-d2-d3-d4);

2 garrafas com água colorida (a água é colorida com tinta ou anilina), 2 cores, a prova é composta por três etapas:

Descrição do Material

2 bolas de massa de modelar de cores diferentes.

Administração

O experimento pede à criança que iguale as 2 bolas: A prova passa por três etapas de transformações.

As respostas de A.N são compatíveis, segundo MacDonell(1994, p.28), nível 2, São condutas intermediárias próprias do pensamento indutivo articulado. Os juízos oscilam entre a conservação e não conservação, podendo aparecer de 3 maneiras diferentes:

Juízos oscilantes em um mesmo transvasamento. A criança julga alternativamente que as quantidades são iguais e diferentes.

-Alteram-se os juízos de conservação e não conservação nos diversos transvasamentos.

As justificativas dadas para um juízo de conservação, neste nível, o problema de "retorno empírico" é resolvido corretamente.

3.6 Análise do Material Escolar

A.N cuida do material, estão limpos, encapados mas não apresenta vínculo; suas tarefas em sua maioria estão incompletas, seu livro está em um nível médio de conservação.

As aulas, em sua maioria, são sem muita criatividade e um pouco monótonas, demonstra-se muitas cópias e quase nenhum trabalho concreto. Não há

um vínculo afetivo entre ensinante e aprendente. O professor que se envolve afetivamente e se vê como construtor do conhecimento acredita que a missão de ensinar vai além dos conteúdos dos livros didáticos.

Com propriedade, Alicia Fernández e Sara Pain nos dizem que para aprender são necessários dois personagens, o ensinante e o aprendente e um vínculo que se estabelece entre ambos. (FERNÁNDEZ, 1991.p.48)

3.7 Provas Projetivas Psicopedagógicas

3.7.1 Par Educativo

Pedi que A.N. desenhasse duas pessoas, uma que ensina e outra que aprende. Demorou um pouco, e ficou sempre perguntando que hora iria embora. A posição entre a professora e o A.N é lado a lado, mas o aprendente possui um vínculo regular de aprendizagem. Gosta da mesma e a chama de tia; demonstra respeito mas tem um vínculo confuso com quem ensina A.N, não faz uma distinção entre eles, colocando a mesma faixa etária. Ao desenhar a figura humana, mostrou dificuldade de estruturação do esquema corporal e objeto de conhecimento está empobrecido e distante, o que significa um vínculo fraturado com a aprendizagem. Quando pedi para o aprendente produzir a história ele disse que era apenas a professora dando aula, nada mais e se recusava a falar. Demonstrou pobreza no que diz respeito a criatividade e autonomia de pensamento.

O desenho esta em tamanho médio e sem discriminação de tamanho entre professor e aluno, o que indica um vínculo não importante e confuso de aprendizagem e com quem ensina. O objeto do conhecimento esta distante e empobrecido. O entrevistado apresenta um vínculo com a aprendizagem sistemática já que o desenho se encontra em um ambiente escolar.

3.7.2 Eu e Meus Companheiros

Pedi que desenhasse ele e seus amigos. Foi feito o desenho, e os amigos tinham idade relativa à sua e gostavam da mesma brincadeira bola. Perguntei se

tinha coleguinhas ele disse que não.

O desenho esta em tamanho pequeno sem discriminação de tamanhos, mostra um vínculo negativo aos demais colegas da sala de aula, demonstrou pouca integração com o grupo. As características dadas aos colegas foi pouco qualitativa, demonstrando apenas simpatia por eles.

3.7.3 Família Educativa

Pedi para A.N desenhar sua família, todas as pessoas que moravam com ele na mesma casa. Começou rapidamente e sempre com a fisionomia fechada. Pedi para que A.N relatasse o que cada um fazia de melhor em sua casa, se ensinavam alguma coisa e como ensinavam. O aprendente demonstrou muita alegria ao desenhar o pai, e relatou que o mesmo fica muito tempo fora de casa. Somente o pai, é que sua noção de relacionamento com os adultos é indiferente à idade de cada um. Estão próximos uns dos outros mas não há uma circulação de informações nesta família. Os pais trabalham o dia todo, e o filho passa o dia todo na porta de casa com coleguinhas. A.N não sabe o que os irmãos fazem, se trabalham ou estudam.

O desenho esta em tamanho médio, apenas o pai aparece em desenho maior, mostrando assim que há um vínculo negativo entre a família. Sendo o pai muito autoritário e em casa quem determina as regras é ele.

3.8 Prova Pedagógica

As provas e testes são usadas para especificar o nível pedagógico, a estrutura cognitiva ou emocional do sujeito. São elaboradas pelo próprio profissional, que propõe as atividades com base no nível de escolaridade, em que o sujeito se encontra. A forma de administração dessas avaliações varia entre os psicopedagogos.

Nas provas pedagógicas, aparecem dificuldades de leitura e escrita, A.N ainda não consegue ler de maneira convencional, a criança desconhece as consoantes, não conseguindo identificar nenhuma palavra, apresenta grande dificuldade na reprodução de histórias e na estruturação de seu pensamento e com

relação a linguagem escrita, consegue apenas escrever o seu nome, se enquadrando na fase pré-silábica: não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada (teoria exposta em Psicogênese da Língua Escrita, Emilia Ferreiro).

Para a área de matemática o aprendiz tem grandes dificuldades de interpretação dos problemas. Ainda não tem noção de cálculos e não consegue resolver desafios. Tem pouca noção de valores.

4 HIPÓTESE DIAGNÓSTICA

Conforme observado no estágio e a partir dos dados de Análise dos Instrumentos será feita a conclusão da síntese diagnóstica: a síntese, o prognóstico e as orientações, referentes à criança diagnosticada.

Segundo Weiss (2001, p.140) “Ao final do diagnóstico psicopedagógico, o psicopedagogo já deve ter formado uma visão global do paciente e sua contextualização na família, na escola e no meio social em que vive”.

Recorrendo a história pessoal de A.N concluí que o problema de aprendizagem apresentado por ele é um problema de aprendizagem: hipoassimilação-hiperacomodação, Sendo a assimilação o movimento do processo de adaptação pelo qual os elementos do meio são alterados para serem incorporados pelo sujeito, numa aprendizagem sintomatizada pode ocorrer uma exacerbação desse movimento, de modo que o aprendiz não resigna-se ao aprender. Há o predomínio dos aspectos subjetivos sobre os objetivos. Hiperacomodação:

Se acomodar-se é abrir-se para a internalização, o exagero disto pode levar a uma pobreza de contato com a subjetividade, levando à submissão e à obediência acrítica. Essa sintomatização está associada a hipoassimilação. O aprendente mostra pobreza de contato com o objeto de conhecimento, falta de iniciativa, demonstra muita passividade, demonstra falta de criatividade.

Durante a entrevista o aprendente permaneceu sentado, realizou as atividades utilizando as duas mãos, mas com certa lentidão em algumas atividades, demonstra rapidez somente para escrever. Segura os objetos com firmeza e também apresenta uma lateralidade normal.

As modalidades de aprendizagem do indivíduo, por sua vez, dependem das modalidades de inteligência. O estudo dessas modalidades vem da análise realizada por Piaget acerca do movimento de acomodação e do movimento de assimilação que o sujeito realiza, para adquirir as primeiras aprendizagens assistemáticas, e que caminharão com ele até chegar às aprendizagens sistemáticas, cujos aspectos positivos e negativos dependerão da maneira como as relações vinculares permeiam esse processo. Pain considera que os referidos

movimentos piagetianos, quando perpassados por vínculos negativos, desenvolvem uma hiper e/ou hipoacomodação, ou uma hiper e/ou hipoassimilação, que construirão, no sujeito, modalidades de inteligência patógena.

5 SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTOS

Para a Criança

Percebe-se que A.N é uma criança com necessidade de atendimento interdisciplinar. Faz-se necessária uma avaliação psicológica para um maior êxito do trabalho relacionado às suas necessidades. Aconselho-os a procurarem um psicopedagogo para orientá-lo em seus afazeres e direcionamentos escolares.

Para a Família

Serão orientados para desenvolver na criança o hábito de estudo em casa, e deverão fazer um acompanhamento, mais próximo, das necessidades pedagógicas de A.N.

Para a Escola

Para maior êxito no tratamento de A.N a escola precisará mudar em alguns aspectos:

- Um atendimento individual mais próximo, respeitando os limites da criança.
- Colocá-la mais próxima possível da professora.
- Promover atividades onde A.N perceba seu espaço e seu valor, elevando sua baixa autoestima.

6 CONCLUSÃO

A conclusão deste trabalho Psicopedagógico Clínico chama a atenção de pais e professores para a realidade comum encontrada nas salas de aula, no processo ensino aprendizagem.

É preciso observar e analisar as causas e sintomas vividos no contexto escolar; para que haja aprendizagem é necessária uma boa relação entre ensinante e aprendente. As dificuldades que A.N apresenta, estão envolvidas também a professora e a família. Na interação professor – aluno, a escola enquanto instituição educativa desempenha um papel fundamental, propiciando interação socializante, a qual irá preparar o cidadão para a convivência na sociedade. Estabelecer relações afetivas com os colegas e professores é de grande valor para a educação, a afetividade irá constituir a base de todas as reações da pessoa durante sua vida.

A.N precisa ter uma interação maior com a turma. Cabe a professora criar estratégias de socialização do grupo. É fundamental o apoio dos pais, mais incentivo, acompanhando -o em suas atividades diárias, estabelecendo horários e criando regras básicas para uma boa convivência familiar. Sendo que A.N não tem horários certos nem para as refeições diárias.

Durante todo o processo diagnóstico, percebi que ele apresenta dificuldades significativas no processo ensino aprendizagem, sendo que as primeiras evidências surgem dentro do contexto familiar. É muito inseguro, não demonstra curiosidade e nem autonomia de pensamento reclama muito a ausência dos pais.

Este diagnóstico psicopedagógico, envolveu o professor o Psicopedagogo e a família, trouxe benefícios ao aluno, ensinando -o a superar os obstáculos, confiando mais em si mesmo. Encerro este trabalho acreditando em uma educação que observa, elabora condições para um bom aprendizado e que atente com maior sucesso seus alunos, permitindo cada criança desenvolver suas capacidades, mostrando que todos são capazes de construir seus conhecimentos.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSSA, N.A. A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artmed,2000

WEISS, M. L. L. Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

BASSEDAS, E. Intervenção educativa e diagnóstico psicopedagógico. Porto Alegre. Artes Médicas.(3.ed.).

FERNÁNDEZ, Alícia. A Inteligência Aprisionada. Porto Alegre: artmed,1991.

WEISS, M.L. L Psicopedagogia Clínica: Uma visão diagnóstica. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

PAIN, Sara. Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem. 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

VISCA, Jorge. Clínica Psicopedagógica. Epistemologia Convergente. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

WEISS, Maria Lúcia. Psicopedagogia Clínica. Uma Visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem. 8º ed. Rio de Janeiro DP E A, 2001.

PAÍN, Sara (1986). Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas.

DONELL, Juan José Conte Mac. Manual Provas de Diagnóstico Operatório. Tradução: Simone Carlberg, Revisão Eliane Mara Alves Chaves.Curitiba,1994.(apostila de estágio supervisionado).

PAULA, Sueli, apostila do Estágio Supervisionado, Pós- graduação.

8 ANEXOS